



Director literario:

PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

PAPUSSE

Rogério ou o relógio milagroso

Adaptação do conto ALADIM
ou a lâmpada maravilhosa

■ POR AUGUSTO VELOSO
DESENHOS DE OLAVO ■



VIÁ em Argob uma pobre viuva quetinha um filho chamado Rogério. Rogério era um belo rapazinho, mas, infelizmente, pouco gostava de trabalhar. Passava os seus dias a jogar o pião, a tanger o arco, perdendo desse modo todo o seu tempo, que podia dedicar ao estudo.

Mas tinha um belo coração, e amava muito sua mãezinha.

Havia dez anos que lhe morrera o pai, o velho Jeremias,

considerado o mais hábil sapateiro de Argob, e, desde então, Rogério e sua mãe passaram tristes dias de miséria. Quando completou seus quinze anos, começou a envergonhar-se da vida que até ali levava, e um dia achagando-se à mãe que, como de costume, fiava lã, disse-lhe comovido: Mãe, Deus te proteja por todo o sacrifício que por mim tens feito, para me dar abrigo e pão. De hoje em diante vou mudar de vida, e trabalhar para dar-te o descanso e conforto de que precisas.

A mãe sorriu para o filho.

Nesse instante, bateram à porta. Entre quem quer que seja! mandou Rogério. Empurrando a porta, entrou na sala um homem alto, moreno de barba toda preta, farta, e olhos negros brilhantes.

«Esta é a casa do sapateiro Jeremias? perguntou: E esta é a sua viuva?!» Exclamou o recenhegado.

Rogério informou-o, então, de que fazia dez anos que o pai lhe tinha morrido, deixando ambos em extrema pobreza. O desconhecido, enquanto ele falava, fingia-se comovido, e levava, de vez em quando, o lenço aos olhos para limpar as lágrimas.

«Sois, talvez, um velho amigo do meu pai, não é verdade?» — perguntou-lhe Rogério,

— «Amigo?! Mais do que amigo, meu filho; sou seu irmão. Há quarenta anos que nos separámos e, desde então, nunca mais vi meu querido Jeremias. E é Deus que, na sua bondade, para aqui me envia para poder amparar ainda os meus pobres parentes. Acabo agora de chegar de Africa, aonde ganhei bastantes riquezas que me colocam numa situação de poder manter meus parentes.»

Mas julgais vós isto que ele dizia era verdade? — Não; era tudo mentira.

O recenhegado não era mais do que um terrível mágico africano que, por milhares de experiências de feitiçarias,



a jogar o pião.

(Continua na página 4)



GRACIOSA O SOL

por DINETTE
bonecos de OLA VO




PRINCESA Graciosa estava sentada no seu jardim, rodeada das damas. O seu cabelo louro, c6r do sol, resplandecia como ouro, e a sua pele era mais branca do que as cam6lias que se erguiam como ela, graciosas, nos canteiros.

A par da sua beleza tinha uma grande intelig6ncia mas as suas qualidades estavam estragadas com os mimos que todos lhe davam, de modo que era caprichosa e impertinente.

As damas que a acompanhavam, todas t6o novas como ela, mas muito menos

belas, adulavam-na e mesmo quando procedia mal, davam-lhe toda a raz6o, com m6do de a desgostar e perderem a sua estima.

Assim, fazia tudo quanto queria, ajudada pela sua madrinha, a fada Azul, que era doida pela afilhada e nada lhe sabia negar.

Nessa manh6 de sol, em que estava muito aborrecida, lembrou-se de devastar o jardim que seu pai lhe dera pelo dia dos seus anos, e onde cresciam as mais lindas flores e t6o t6o raras de todo o mundo.

As damas, numa alegria selvagem despeda6avam uma a uma todas as anem6nas, todos os malmequeres, e as rosas juncavam o ch6o com as p6talas desfolhadas e perfumadas, pisadas pelos p6s de todas, pois que nenhuma se escusara a tamanha barbaridade.

Do seu banco de veludo, Graciosa ia apontando as flo-





res, e imediatamente a flôr era imolada e ia juntar-se às tantas outras que jaziam sem vida por terra.

Chegou a vez a uma linda papoila dobrada, de arrogantes e recortadas folhas côr de fogo, que se erguia entre as suas companheiras como a desafiar a bela princêza.

Mas ao tocar-lhe, uma das donzelas, ouviu uma vozinha muito fraca, mas muito melodiosa que lhe dizia:

— Não me cortes, donzela, pois se o fizeres matas comigo a tua esperança no casamento.

E a jovem dama recuou apavorada e não a cortou.

Todas à uma iam para a apanhar mas nenhuma se atrevia com medo que aquela predição saísse certa e não houvesse noivo para nenhuma.

A própria princêza, intrigada e divertida, veio para a cortar, mas recuou também ao ouvir a mesma voz.

Então, vencendo o susto, aguilhoada pela curiosidade perguntou:

— Porque é que dizes que se te cortar não casarei? Onde tens tu, misera flôr, poder para o impedir, sendo meu pai senhor de todo o reino, e dêste jardim, visto que é o rei?

A flôr estremeceu, e a vozinha tornou a fazer-se ouvir.

— E julgas que por teu pai ser rei tem muito poder? Mais tenho eu, porque sou a fada dos Amores?

Uma gargalhada foi resposta de Graciosa, logo imitada pelas damasinhas, e durante uns momentos não se ouviu senão o estrepitoso côr de riso.

A voz, porém, tornou:

— Se não me acreditais peor, pois eu saberei vingar-me e o teu orgulho e crueldade pagarás, cruel e má princeza, pois casarás. Corta-me, corta-me e verás?

Graciosa, cheia de raiva por ouvir aquelas merecidas palavras, pegou nela e com os seus dedinhos delicados arrancou a flôr, que caiu morta no chão.

Mas ante o espanto geral, ela viu as suas mãos brancas

tintas de sangue vermelho e quente, enquanto no chão a pobre papoila se tornava branca, nadando numa poça de sangue. . . que era o que lhe dava aquela côr de fogo,

Ao verem tal, poucas foram as que não desmaiaram, e as outras fugindo aos gritos, horrorizadas, acordaram outra vez os ecos do parque.

Graciosa era a mais assustada de todas e olhava com terror as mãos tintas de vermelho.

O rei, quando tal lhe contaram, julgou mais alguma fantasia da filha, sempre pronta em inventar coisas maravilhosas, e não acreditou, e esta, vendo que todos se sorriam incrédulamente quando contava o que se tinha passado resolveu pedir conselho à sua madrinha.

— Valha-me aqui a fada Azul? gritou entre lágrimas.

Logo uma parede se rompeu e deu passagem a uma formosa mulher, linda como os amores, cujas tranças azuis lhe tocavam, envoltas em fios de perolas, na fimbria do vestido, leve e maravilhoso.

Tinha uma figura imponente, e nos seus olhos côr de faiança lia-se uma grande compaixão.

Agitando uma das mãos logo voltou ao natural, desaparecendo o carro que a trouxera, desfeito em fumo, pelas frinças duma janela, e acercando-se da afillhada abraçou-a e sentou-a num grande cadeira de espaldar.

— Que tens, minha querida filha, que te vejo tão afflicta?

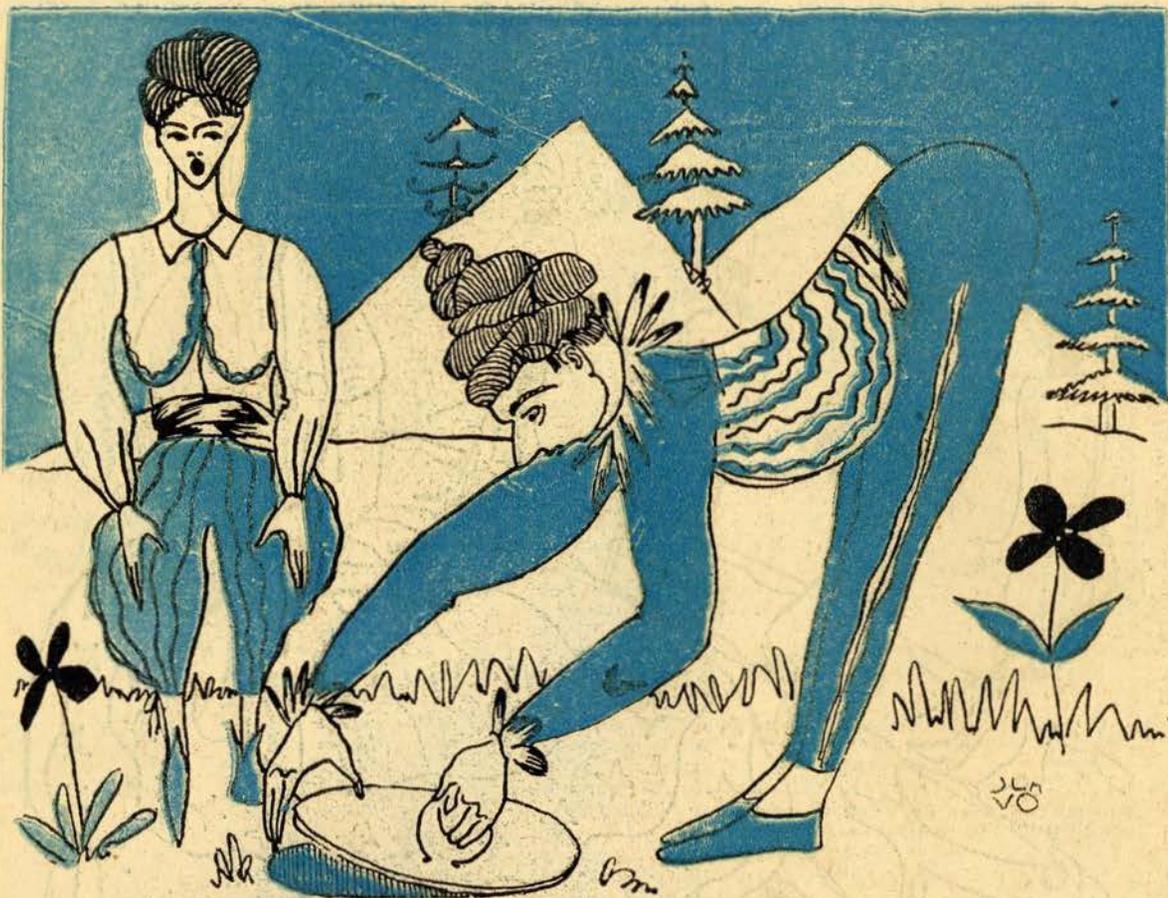
Então a princêza contou-lhe tudo o que se passara.

A fada a princípio ria, mas no fim, tinha as faces cobertas de lágrimas de afflicção.

Com a voz muito triste, disse.

— Nada te posso fazer, a não ser que não deixes de te casar, pois o meu poder nada vale ante o da fada dos Amores minha irmã. E' a mais poderosa e cruel de todas as fadas,

(Continúa na página 6)



ROGÉRIO OU O RELÓGIO MILAGROSO

(Continuação da página 1)

descobriria existir em Argob um Relógio Milagroso, que dava, a quem o possuísse, o maior poder do mundo. Mas para dê-lo se apoderar — (o relógio estava metido num nicho, dentro de um palácio subterrâneo) era preciso atravessar um corredor muito estreito, cujas paredes matariam quem nelas esbarrasse.

Ora como o mágico tinha muito corpo não se queria arriscar ao perigo. Além disso, declarara a feiticeira que somente quem reunisse os seguintes requisitos, poderia chegar até junto dêle.

- 1.ª Ter quinze anos de idade.
- 2.ª Ser filho único dum sapateiro.
- 3.ª Ser órfão de pai.

4.ª Haver finalmente, nascido em Argob, em certa casa e determinada rua. O mágico sabia, pois, desde África que era Rogério a única pessoa que poderia valer-lhe na conquista do Relógio Milagroso. Por isso, para ganhar-lhe amizade, se intitulara seu tio.

Todos os dias lá ia, pois, merendar com Rogério. Depois, conduzia-o a longos passeios pela cidade e arredores, mostrando-lhe os mais ricos bazares. Certa manhã disse-lhe que ia mostrar-lhe coisas lindas, e levou-o a uma montanha, que se elevava num deserto, e pela qual subiram.

Ao chegarem ao meio da encosta, o mágico parou, acendeu um feixo de ervas secas que havia apanhado pelo caminho. Logo que as chamas principiaram a dançar, despejou sobre elas um pó seco que trazia metido no seio, dentro dum caixinha de ouro, e pronunciou algumas palavras. Ouviu-se um terrível estouro e a terra rachou imediatamente, descobrindo-se uma grande lage em que se via presa uma argoia de ferro.

O mágico curvou-se sobre ela, puxando-a com toda a força dos seus músculos. A lage nem deu de si.

— «Exprimenta agora tu, rapaz, que és forte! Mete a mão na argoia e puxa-a, pronunciando o nome de teu pai

Geremias. Estou certo de que conseguirás levantá-la. Rogério obedeceu.

E, com grande pasmo, a lage abriu-se, descobrindo-se os primeiros degraus duma escada de mármore que descia para um corredor subterrâneo.

— «Vais agora descer por essa escada! disse o mágico».

— «Eu? perguntou, assustado, Rogério.

Sim, tu; pois será para teu bem. A escada que ali vês, desce para um corredor estreito que conduz a um palácio subterrâneo, cheio de fabulosas riquezas...

Rogério olhava, muito admirado, para o mágico, que continuou: Essas riquezas são todas tuas, apenas com uma condição: — «a de me trazeres um Relógio, que se acha no fundo dum jardim, metido num nicho, num altar de pedras. Bem: agora, ouve o que tens a fazer...»

E pondo uma das mãos nos ombros de Rogério, o mágico acrescentou: Descerás esta escada até chegares a um corredor muito estreito que deverás percorrer, cautelosamente, em toda a extensão. Se por acaso esbarrares, embora de leve, na parede direita ou esquerda, cairás imediatamente morto no chão. Chamar-te-hão de todos os lados mas não te distraias; caminha sempre para a frente.

Tirando um anel do dedo, o mágico enfiou-o no dedo médio de Rogério. Passado o corredor, terás que percorrer três salas cujos tectos e paredes são recamados de pedras preciosas. A terceira dessas salas dá para um jardim onde entrarás. Verás nêle mil árvores, das quais pendem ricos frutos: maçãs laranjas, uvas figos, pêras, etc..

Também não toques em nada. Ao fundo do jardim encontrarás, o altar das pedras e, dentro do nicho, o Relógio. Pega nêle, mete-o no bôlso e já não correrás mais perigos.

Colhe do jardim os frutos que quizeres, enche o bôlso de quantas moedas queiras. Compreendeste bem? Perfeitamente.

Descendo a escada, cheio de alegria, percorreu o corredor estreito sem perigos. De todos os lados, ouvia dizer. Rogério, olha o lindo pão de ouro! Mas não fez caso. Atravessou, depois, o jardim, chegando finalmente, ao altar onde o Relógio estava. Tirou-o e meteu-o no seio. Encheu os bolsos de moedas, e foi para o lugar aonde o mágico o espravava. Mal tinha posto o pé no primeiro degrau, ouviu dizer ao mágico: Sobre depressa; dá-me cá o Relógio.

Espera um instantinho, tio; estende-me primeiro a mão para me tirares deste buraco; disse Rogério. Ora, era isto justamente o que não convinha ao mágico. O seu plano era apoderar-se do Relógio e fechar Rogério na lage. As palavras de Rogério, encheram-no pois de raiva. Como, êle era fino, não entregou o Relógio. Então o Mágico fechou a lage, deixando-o lá ficar prezo.

Passou-se uma hora, duas, três, um dia, dois, mas, como já estava cheio de fome, resolveu ir até ao quintal. Ia a meter um fruto na bôca. Era, porém, tão duro que não o pôde comer. Deixou-se cair de joelhos e, de mãos postas, orou a Deus, pedindo-lhe que o protegesse. Quando esfregava aflito as mãos, reparou no anel encantado que o mágico lhe enfiara no dedo médio. Ouviu-se perto um enorme estrondo e no meio duma enorme fumaça, surgiu o Génio daquele recinto encantado, que, aproximando-se dêle exclamou: «Eis-me às tuas ordens! que desejas?!»

Rogério só após dois minutos decorridos, pôde dizer: — «Quem és tu?»

— «Eu sou o escravo dêsse anel que trazes no dedo. Ordeno-te que me tires dêste subterrâneo. — «Então, súbito, escureceu, e Rogério encontrou-se no mesmo sítio onde o mágico havia feito a fogueira. Logo que amanheceu, avistou a cidade, caminhou para casa de sua mãe e disse-lhe — Mãe, dê-me qualquer coisa para comer que estou cheio de fome; ela trouxe-lhe um bocado de pão que tinha no armário. Mal lhe passou a fome, Rogério contou-lhe tudo quanto acontecera, mostrando-lhe as frutas e as ricas moedas. Estas moedas — disse — garantem o nosso alimento por alguns meses. Mas quem irá comprar estas frutas que não tem valor algum?! Ainda o relógio nos poderá dar alguma coisa, depois de bem limpo com limão. E indo buscar limão, sal e areia, pôs-se a limpá-lo. Apenas esfregou, ouviu um enorme estouro. Era o Génio...

— «Que ordenas? Eu sou o escravo do relógio e aqui me tens para o que fôr preciso. A viuva, assustando-se, caiu desmaiada no chão. Mas Rogério, que já tinha conversado com o Génio disse tranquilamente: — «Traz comida». E o Génio logo desapareceu para em seu lugar surgir uma bandeja de ouro repleta de comidas saborosas.

— «Que felicidade; exclamou Rogério, batendo satisfeito as mãos! Já descobri o segredo do relógio. Escuta, mãe, escuta». E sacudia a mãe, a fim de a despertar do desmaio. Agora, mãe, viveremos sem penas nem dor!»

Já Rogério não estragava o dinheiro nos cafés. Comprava bons livros, fazia uma vida exemplar.

Um dia, ao regressar a casa, Rogério viu a filha do rei à janela e ficou encantadíssimo. Ao entrar em casa disse logo à mãe: Fátima, a linda princesa, há de vir a ser minha esposa! A viuva julgava que o filho enlouquecera. Mas êle tanto instou que levou a mãe a prometer-lhe que iria no dia seguinte pedi-la ao rei. Entretanto objectou ao filho: — «Mas como há de ser?! E' costume levar-se um rico presente ao rei e nós somos tão pobres. Enganas-te; temos até um rico presente a dar-lhe! Vim a saber por um ourives que aquelas frutas tem um valor incalculavel. E, enro-

lando o vaso que continha as frutas, dirigiu-se para o palácio do rei.

Era dia de audiência pública. O rei recebia todos que lhe desejassem falar. Mas, como a viuva chegasse um bocado tarde, vieram dizer-lhe que o rei a aguardava. Ela logo se encaminhou para o Trono e caiu de joelhos. Só se



levantou quando o rei lhe disse: levanta-te mulher, expõe o que aqui te conduz! A pobre mãe, em vós trêmula, começou, então, pedindo-lhe desculpas pela sua audácia. E disse: — Meu filho Rogério, que é um moço cheio de virtudes, vem pedir a mão de vossa filha Fátima. O rei, mal pôde dar uma gargalhada; nisto, a pobre viuva destapou o vaso com as extraordinárias frutas. O rei ficou maravilhado com tanta riqueza. E, voltando-se para a viuva, disse: — Mas teu filho deve ser extraordinariamente rico! Dize a Rogério que estou pronto a conceder-lhe a mão de minha filha em casamento, mas que este só terá lugar quando ele me apresentar 100 vasos iguais a este. Julgava o rei que assim Rogério desistiria de casar com a filha. O rapaz quando soube da notícia, ficou radiante de alegria, pondo-se a abraçar e a beijar a mãe. No dia seguinte apresentou-se ao rei com 100 escravos com os vasos de frutas. De hoje em diante, disse o rei, pode considerar-se noivo de Fátima. Mas só se realizará o casamento no dia em que os escravos construíam um palácio melhor do que o meu!

Rogério não se incomodou nada. Mal esfregou o dedo no relógio, apareceu o Génio novamente. Então Rogério disse-lhe: quero que construam durante a noite um palácio mil vezes maior que o do rei, meu futuro sógro. Ao meio dia, Rogério e sua mãe partiram em direcção ao palácio real. O rei mandou logo entrar. A' noite, já Rogério estava instalado com sua magnífica esposa no seu luxuoso palácio. Dois meses se passaram de completa felicidade para ambos. Durante este tempo todo, o feiticeiro africano tramava mil maldades em sua terra. Lembrou-se um dia de Rogério e do relógio milagroso. Voltou o feiticeiro para Argob a fim de conquistar o relógio. Quando chegou soube, imediatamente, que Rogério estava riquíssimo. E, mordendo enraivecido os lábios, jurou que havia de se vingar. Num dia em que Rogério foi caçar com o rei, o mágico, fingindo-se negociante, saiu a gritar pelas ruas com um grande cesto de relógios: Relógios! Relógios! Quem quer trocar velhos por novos! Todos o tomaram por um louco. A princesa Fátima, que estava à janela chamou-o também. E, pegando no relógio que Rogério tinha em cima da mesa de cabeceira, foi também trocar-lho. Mal o mágico o apanhou na mão, apertou-o com força, chamando o Génio que dêle era escravo. Quero que transportes este palácio, com todas

as pessoas que estão dentro, para a minha terra de Africa. Logo se formou um terrível furacão que levantou pelos ares o lindo palácio. Quando o rei e Rogério voltaram da caçada, souberam tudo o que se tinha passado julgaram nunca mais ver a princesa, motivo porque Rogério caiu em profunda tristeza. Mas o rei, ao passar-lhe a primeira explosão de dor, mandou-o encerrar no cárcere, dizendo-lhe: Se não me deres conta da minha filha em três dias, mando-te cortar a cabeça! Mas como Rogério ainda conservava o anel encantado que o mágico lhe enfiara no dedo quando o fechara no subterrâneo, esfregou com êle na mão esquerda e logo lhe apareceu o génio: — Que ordena? Traze-me o meu palácio e minha esposa, disse Rogério.

— Perdão, meu amo, nada posso fazer, porque o poder do relógio é muito maior do que o meu. Então, leva-me onde se acha a princesa Fátima, pediu Rogério. O Génio transportou-o no mesmo instante para Africa aonde se encontrava a princesa e deixou-o junto dela num lindo sofá. Ao vê-lo, logo o reconheceu, caíndo-lhe nos braços, debulhada em lágrimas: — O meu adorado Rogério! Que alegria eu sinto ao achar-me, de novo, ao teu lado! Mal proferiu estas palavras ouviram-se passos no corredor.

— Quem é? disse Rogério. E' o terrível feiticeiro, respondeu Fátima. Então, Rogério, tirando dum bolso uma garrafinha, deu-a à princesa para lhe deitar, num copo de cerveja, o líquido que continha e que era um terrível veneno que o mataria instantaneamente. Mal apareceu, Rogério escondeu-se atrás da porta com um punhal na mão. O feiticeiro avançou e dirigiu-se para Fátima, que o recebeu com um sorriso nos lábios. O feiticeiro ordenou a uma escrava que lhe trouxesse a ceia. Fátima serviu-se apenas de uma maçã e ofereceu-lhe um copo de cerveja, entornando-lhe todo o veneno no copo e propôs-se a fazer-lhe um brinde. Ainda não tinha bebido todo o líquido já o feiticeiro tinha caído no chão morto. Rogério procurando o relógio, foi encontrá-lo no seio do mágico e, esfregando-o na mão, apareceu-lhe logo o Génio, exclamando: — Que ordenas?!

— Transporta-nos e a este palácio para Argob. Dito e feito. Na manhã seguinte quando o rei foi à janela, viu o palácio no mesmo sitio e, saindo do quarto' foi abraçá-los logo. Viveram muito felizes e, quando o rei morreu, ficou Rogério a governar o povo de Argob.

■ F I M ■

■ GRACIOSA ■

(Continuação da página 3)

e nem mesmo a nossa rainha... pode tirar-lhe o poder que lhe deu.

Graciosa chorava baixinho a sua desdita, mas desta vez a madrinha não lhe podia valer.

Passaram-se muitos dias, meses, e não tinha vindo ainda nenhum pretendente para a formosa pricezinha que era muito nova.

Chegou, enfim, o dia em que completou quinze anos e cheia de alegria, Graciosa já se esquecerá da tuda dos Amores.

Na sala do trono, onde os reis estavam sentados num trono feito de ouro e pedraria, reinava a maior alegria.

Graciosa, toda vestida de branco, os formosos anéis da cabeleira ornados de diamantes, estava sentada numa almofada de veludo carmezim, esperava vêr desfilar na sua frente o numeroso cortejo dos seus admiradores.

Como estava em idade de casar, tinham vindo muitos príncipes, reis e fidalgos dos países vizinhos para a escolherem para mulher.

Aquêle que melhor cumprisse os seus caprichos e trouxesse a oferta mais bonita seria o escolhido.

Como estava cada vez mais cruel, logo que começou o desfile Graciosa fazia-os dançar, cantar, recitar, dar saltos mortais, fazer carêtas, e por fim ante as magníficas prendas, ria a bom rir da figura caricata que tinham feito e dizia-lhes que não.

A corte, incapaz de a contrariar com medo de cair no desagrado dos pais, ria também e fingia divertir-se loucamente com as figuras desastradas dos pobres innamorados.

Mas no meio dêle vinha um belo rapaz de tez morena e lindos olhos negros sonhadores, mas resolutos, que olhava a princeza com um ar de censura tal, que esta resolveu vingar-se humilhando-o.

Assim, pediu-lhe para dançar.

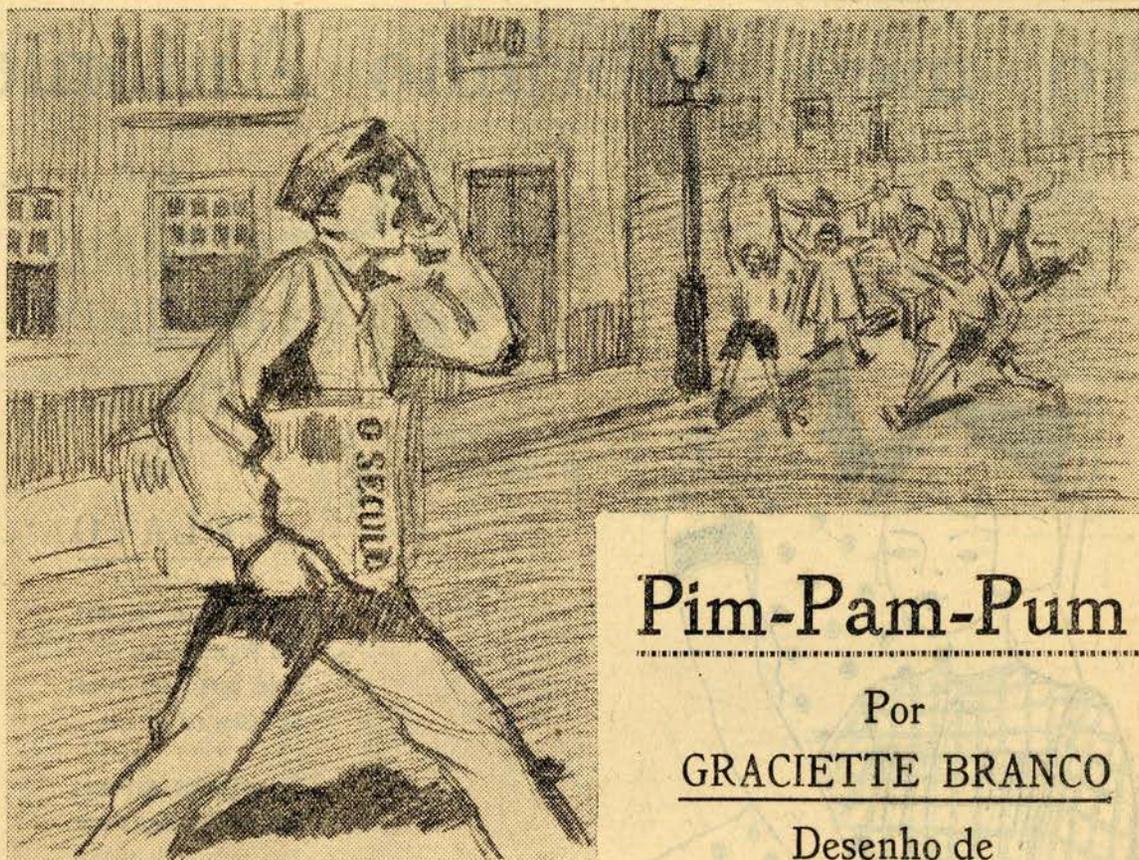
Este acedeu e eram tão harmoniosos os seus movimentos, e tão linda a música invisível que ao mesmo tempo se ouvia, que ninguém sentiu vontade de rir e até o aplaudiram maravilhados, quando acabou.

Graciosa, despeitada, mandou-o então cantar.

Uma linda voz de homem, fez-se imediatamente ouvir numa estranha canção que a todos enlevou.



(Continúa no proximo número)



Pim-Pam-Pum!

Por
GRACIETTE BRANCO

Desenho de
EDUARDO MALTA

Quinta-feira!...
Quinta-feira!...

Os meninos da Figueira

dão pulinhos um a um...

Quinta-feira!...
Quinta-feira! ..

— Ai!

Lá vem

o Pim-Pam-Pum!

E até o Pai

e a Mãe,

alegres dizem também:

— Ai!

Lá vem

o Pim-Pam-Pum!

de roldão,
de escantilhão,
aos empurrões,
encontrões,

— tendo na mão

três tostões, —

aparecem um a um...

gritando,

arfando,

berrando:

— Pim-Pam-Pum! O Pim-Pam-Pum!

E o homem tira os jornais,

apressado

atarefado,

E mal ao longe ressoa
à toa,

O alegre pregão:

—«O' Sec'lo! Olh'ó Séc'lo e o Pim-Pam-Pum!»

Os pequenitos, então,

berrando

gritando

mais:

— Pim-Pam-Pum! O Pim-Pam-Pum-um-um!



F I M



Ao meu sobrinho António

por

ALFREDO

BROCHADO

Desenho

de

OLAVO



Tão pequenino, pequeno ;
Tão pequenino que és,
Medes apenas dois palmos
Da cabeça até aos pés.

Tão pequenino, pequeno ;
Tão pequeno chegas bem
Para encheres de alegria
Os olhos da tua Mãe.

Os anjos, quando sorris,
Nos labios te veem bater . . .
Oxalá nunca tu saibas
Senão, alegre, viver.

És um rei dentro de casa . . .
Tão pequenino vês lá . . .
pois tens a força dos fracos,
que é a maior força que há.

F I M

Tendo vindo pela primeira vez a Lisboa um camponez, notou, que entrava muita gente numa loja onde não via vender coisa alguma.

Movido de curiosidade, entrou no momento em que o dono se achava só, e ele perguntou, com um ar muito ingénuo, o que era que ele vendia?

O cambista reconhecendo a simplicidade do rústico, respondeu muito sério?

— Vendo cabeças de burro.

— Sim? exclamou o camponez, então tem você feito hoje grande negócio, visto que já não lhe resta se não a sua.